

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Eduardo Cunha e Cleitinho se cruzam em Minas

Gleidson Azevedo (Republicanos), irmão gêmeo do senador Cleitinho Azevedo (Republicanos-MG) e ex-prefeito de Divinópolis, foi uma figura-chave nas idas e vindas da decisão do senador de se candidatar a governador.

Cleitinho foi e voltou tantas vezes que o presidente nacional do partido, Marcos Pereira, chegou a anunciar, na segunda-feira, 3, que não dava mais, ele não seria o candidato. Chorando, Cleitinho assentiu como decisão dele próprio.

Mas voltou atrás novamente, segundo afirmou, por pressões do irmão e da família. Três dias depois, em conversa telefônica com Gleidson transmitida ao vivo praça central de Divinópolis, Marcos Pereira confirmou a candidatura.

A política em Minas Gerais não é para amadores. Cleitinho é o primeiro colocado nas pesquisas para governador. Há dez anos como político, foi eleito vereador, deputado federal e, em 2022, senador, com 4.268.193 votos. Com seu jeito simples, de ex-vendedor de verduras, na verdade ele já não é amador há muito tempo. Assim como seu irmão gêmeo, agora candidato a deputado federal.

A expectativa no Republicanos é que Gleidson seja o puxador de votos da legenda no estado. Segundo a legislação, as agremiações recebem verbas do Fundo Partidário na proporção do número de deputados federais que elejam.

Gleidson foi decisivo para levar o Republicanos a voltar atrás e readmitir Cleitinho com

candidato: ele ameaçou não mais concorrer, o que faria a legenda eleger menos deputados federais e, portanto, minguar sua fatia no bolo de recursos do Fundo Partidário. Sua pressão junto ao irmão e ao partido foi decisiva.

Mas há uma velha raposa da política nacional, sempre acostumada a trabalhar nos bastidores, que muito se beneficiará das candidaturas de Cleitinho e Gleidison. Trata-se do ex-deputado Eduardo Cunha, que foi desafeto do senador. Em discurso de campanha, Cleitinhp chamou Cunha de “canalha” e de “vagabundo”, e arrematou: “Por que ele não vai fazer campanha no Rio de Janeiro?”

Pois é. Cunha havia transferido seu título para Minas Gerais e filiou-se ao Republicanos. Nem chegou a ser citado nos discursos da convenção estadual do partido, mas foi ungido pré-candidato a deputado federal.

Ele foi o todo-poderoso presidente da Câmara. Antes de ser cassado, comandou o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (PT). Mas não é bom de voto. Em 2022, tentou se eleger pelo PTB de São Paulo e obteve apenas 5.044 votos.

Eduardo Cunha resolveu, então, comprar uma série de rádios em Minas Gerais e, agora, concorre a deputado federal no estado pelo Republicanos. Não espera ter grandes votações, mas passou a ter muitas chances desde que Cleitinho decidiu ser candidato a governador levando Gleidson a manter a candidatura.

O ex-prefeito de Divinópolis – que é quase idêntico a seu irmão gêmeo, Cleitinho – será o puxador de votos da legenda e pode ser responsável pela eleição de Eduardo Cunha.

É por essas e outras que se diz que a política em Minas não é para amadores.

MÁRCIO COIMBRA

CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia

Cazaquistão em Foco

No tabuleiro geopolítico contemporâneo, a Ásia Central transcendeu a condição de periferia pós-soviética para se consolidar como uma das arenas mais estratégicas da Eurásia. Sob a confluência de interesses de Pequim, Moscou, Washington e Bruxelas, a região exige um olhar atento da análise internacional — e é precisamente em seu coração que se desenrola uma das transformações institucionais mais instigantes da atualidade. Maior economia centro-asiática e detentor de recursos energéticos críticos, o Cazaquistão opera uma profunda reorganização em seu modelo de governança.

A política interna em Astana revela um projeto estruturado de reengenharia política. Cujas diretrizes ganharam tração no referendo constitucional de 2022, o processo redefine os limites do Executivo, a dinâmica partidária e a representação popular. A trajetória recente foi marcada pela transição de três décadas sob Nursultan Nazarbayev para a ascensão de Kassym-Jomart Tokayev, cujo governo enfrentou em janeiro de 2022 os protestos do Qantar, evento catalisador da nova arquitetura constitucional.

Buscando dismantelar o modelo superpresidencialista, descentralizar o poder e reduzir privilégios governamentais, essa reformulação terá seu ápice em agosto com a primeira eleição para o novo parlamento: o Kurultai. A principal mudança estrutural reside na transição do antigo modelo bicameral — composto pelo Mazhilis e pelo Senado — para um órgão supremo

unicameral de representação, formado por 145 membros eleitos por voto proporcional de listas partidárias para mandatos de cinco anos.

Sob a ótica da Teoria das Instituições, a migração para o unicameralismo busca eliminar aquilo que a Ciência Política classifica como “pontos de veto” (veto players). Ao concentrar o Legislativo em uma única câmara, visa-se acelerar a produção legal e dar previsibilidade à agenda regulatória do Estado. Paralelamente, a escolha do nome Kurultai resgata as antigas assembleias dos povos nômades das estepes. Astana realiza um movimento clássico de “invenção das tradições” — no conceito célebre de Eric Hobsbawm —, ancorando a modernização na identidade nacional para conferir legitimidade ao novo desenho estatal.

Para o observador brasileiro, o processo oferece reflexões profundas. O Brasil convive com os dilemas do presidencialismo de coalizão e de um bicameralismo por vezes moroso, em que negociações pontuais engessam reformas estruturais. Ver uma nação emergente redesenhar sua engenharia política para ganhar eficiência legislativa, sem abrir mão da representatividade, provoca o debate sobre nossas próprias instituições.

No plano internacional, a diplomacia multivetorial e pragmática do Cazaquistão guarda sintonia com a tradição brasileira de autonomia estratégica e não alinhamento automático. Ambos compreendem que a soberania e a atração de investimentos dependem da coesão interna e de uma atuação externa previsível. O laboratório político em Astana demonstra que desenvolvimento econômico e maturidade institucional caminham lado a lado.

EDITORIAL

Combate às fake news também é dever do eleitor

O pontapé inicial da disputa pelo Governo de São Paulo aconteceu com ares de decisão antecipada. Neste domingo (9), às 20h, o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e o ex-ministro da Fazenda Fernando Haddad (PT) estiveram frente a frente no primeiro debate das Eleições 2026, na TV Band. Desta vez, os dois adversários que se enfrentaram em 2022 estavam sozinhos no estúdio, em um formato inédito de duelo direto. A campanha oficial só começa em 16 de agosto, mas a temperatura política já está elevada, impulsionada pelos dados da pesquisa Datafolha de julho, que aponta Tarcísio com 46% das intenções de voto contra 30% do petista, um cenário que indica a possibilidade de a disputa ser resolvida ainda em primeiro turno.

Enquanto os candidatos medem forças na televisão, outra disputa, muito menos visível e transparente, ocorre no bolso de milhões de paulistas: a guerra da informação nos aplicativos de mensagem. À medida que a eleição ganha corpo, multiplicam-se no WhatsApp e no Telegram postagens enganosas, teorias da conspiração e ataques orquestrados que buscam minar a integridade do processo eleitoral no Brasil e distorcer a imagem dos concorrentes.

A consolidação do WhatsApp como a linha central de transmissão das fake news eleitorais impõe um desafio inédito ao eleitorado. Diferente dos encontros televisivos, onde as declarações são feitas ao vivo e submetidas ao contraditório, os grupos fechados de mensagens funcionam como transmissores silenciosos de conteúdos manipulados. São áudios fora de contexto, vídeos cortados e textos sensacionalistas desenhados para despertar reações emocionais e gerar o compartilhamento compulsivo, sem qualquer compromisso com a verdade factual.

Nesse ambiente saturado de ruídos, a população assume uma responsabilidade democrática central. Saber em quem votar não pode ser uma decisão pautada pela última corrente recebida no celular. O voto consciente exige um esforço ativo de busca por fontes confiáveis, veículos do jornalismo profissional e canais oficiais de checagem.

Cair na armadilha de repassar mensagens duvidosas sem verificar a origem torna o cidadão um elo da cadeia da desinformação. Diante do primeiro debate e do início iminente da propaganda eleitoral, o combate à manipulação depende da maturidade do eleitor em furar a bolha das redes sociais, questionar o que recebe no WhatsApp e buscar fatos reais sobre a trajetória de quem pretende governar o estado.

OPINIÃO DO LEITOR

Projeto oportuno

A iniciativa da deputada Roseana Sarney, ex-senadora e ex-governadora, deseja conferir maior efetividade aos prazos legais de diagnósticos e tratamento do câncer.

Vicente Limongi Netto, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057	BRASÍLIA ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasilia - DF CEP 71736-20	SÃO PAULO Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
---	--	--

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal